

Visado pela
Comissão de Censura

Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES — ANO IX N.º 216 Preço 1\$00

HISTÓRIA

Faz agora precisamente um século, que uma mulher inglesa, por vocação, começou a ter pena do estado dos doentes, mesmo quando entregues a bons médicos, em bons hospitais. E' que naquele tempo não era conhecida a enfermagem, nem faziam falta enfermeiros. Qualquer um jeitoso. Qualquer assalariado. Nos Albergues dos pobres a regra era: se de homens o menos bebado. Se de mulheres, a menos bebada. O doente aceitava os serviços. Não se sabia de coisa melhor. Vem a guerra da Crimeia e os soldados de Sua Magestade a rainha Victória, morreram em tal número, que os jornais de Londres começaram a falar. Desconhecia-se a enfermagem. Não havia enfermeiros. Era a sepultura.

Chega a hora. A hora de Deus não vem tarde nem cedo. Vem. E' aquela. Não se discute. Por detrás do esplendor Victoriano, surge uma luz. Florence Nightingale apresenta-se. Ela vai fazer a revolução social. Eis a chave: "enfermagem é uma arte, e como tal, requer devoção e uma preparação tão forte como a de qualquer pintor ou escultor. Pois que tem que ver uma tela morta ou o mármore frio com um corpo vivo—templo do Espírito Santo? Não digo uma arte, mas sim a mais delicada das artes."

Como os senhores estão vendo, esta Mulher tinha necessariamente de ser tomada por indesejável e até perigosa, em vários sectores da vida social, do tempo. Tinha, sim. Porquê? Por causa da sua mensagem de verdade e de justiça. Por via de regra, ontem como hoje, os que mais empregam aqueles termos, recebem vê-los em prática. A Enfermeira Inglesa, teve de suportar o formidável peso da inércia: deselegâncias, incompreensões, ciladas, calúnias—O Cálice!

A burocracia é que foi E da pior: Altas patentes militares, não queriam que a Enfermeira curasse. Mas ela era artista do Divino. Nada de humano a faria succumbir. Venceu. O samaritano vence sempre!

A breve trecho, os críticos venceram-se que a Enfermeira era da Nação. Os Curados, beijando

A NOSSA FESTA NO COLISEU

Os senhores já têm bilhete? Os senhores já compraram? Quem não andar depressinha arrisca-se a ficar à porta e ver os mais entrar. O Sejaquim não tem perdido um minuto e leva os ensaios ao escrúpulo. Os oradores da festa têm dado muito tempo aos seus discursos, sobretudo os rapazes de responsabilidades. O Pombinha, que vai tocar castanhetas, ao saber que não tinha discurso, não me tem largado; dê-me um papel pra dizer. Mas eu cá não dei nem dou; ele tem as castanhetas. Que toque duas vezes e acabou. O seu colega Manel do Embrulho, também me não larga por um papel pra dizer. Mas eu não faço caso. Eu não lho dou. Ele foi dizer ao Jordão de Guimarães e todos concordaram que tinha sido o pior. Ora eu tenho muito respeito pela assistência do Coliseu. O Bombeiro de Espinho e o Marmelo do Porto, não se fartam de pedir ao Sejaquim que os deixe ir cantar. Ora eu venho há muito verificando que os que não têm habilidade nem sabem coisa nenhuma, é que se apresentam como tendo e sabendo. Pois não vão. Nem Marmelo nem Bombeiro. Quem comprar o seu bilhete para ir à festa, fique desde já sabendo que é tudo gente escolhida. Tudo azes. Tudo estrelas. O Abel também queria ir e eu desejava que ele fosse. Porém, com a mudança, tornou-se tão áspera a sua voz que ele, em vez de falar, ronca. Ora não está certo. O Abel não deve ir incomodar.

P. S.) Os bilhetes encontram-se à venda no Espelho da Moda à Rua dos Clérigos 54 e no Coliseu.

a sombra dela, extinguiram o zelo dos apagadores. A Enfermeira venceu. Uma Comissão de Londres: declara ocup-se esta mulher e levanta 50.000 libras esterlinas, das quais 9.000 foram cobertas por soldados! Hoje, tudo quanto se sabe e diz de enfermagem, é o fruto natural de uma lição de 90 anos,—que tantos durou a Enfermeira protestante.

Mais história. Ao mesmo tempo que na Inglaterra, ardia uma luz nas Hawai; o Padre Damião. O Leproso! Enquanto nada fez na ilha deles, correu tudo muito bem. Ele não fazia nada. Mas a certa altura começa a trabalhar. Carpinteiro, trolha, jardineiro, agricultor, médico, enfermeiro e Pai! Ele foi tudo. A notícia corre. Avassala. Rompe os diques. Tal como a Enfermeira, também o Leproso. A burocracia pede contas. Os fariseus não querem que ele cure ao sábado. E como era padre, não lhe faltaram os perigos dos falsos irmãos. Por fim venceu. A sua obra está. O samaritano vence sempre. Ganha todas as partidas. Que tem

que ver o mármore frio ou a tela morta com as chagas num corpo vivo,—templo do Espírito Santo? Artistas do Divino! Tal como a Enfermeira e o Leproso, também nós. Distâncias respeitadas, trilhamos o mesmo caminho. Deselegâncias, incompreensões, ciladas, perigos—eis o nosso quinhão. Mas a vitória é nossa. O samaritano é que fica; os outros passam!

De hoje a um século, quando, em Portugal, toda a obra de educação do Abandonado for feita à base da família, há-de ser difícil às gerações daquele tempo, acreditar nos processos do asilo e tormentos do asilado. Porquanto, que tem que ver com o cinselar de almas, a letra morta de um estatuto? Eis.

Sim. Eu ando a buscar na história e a dar aqui à estampa as razões que hão-de servir de base ao próximo Magistrado que vai fazer a lei consoante a nossa Obra e não arrastar a nossa Obra para uma lei que a não comporta.

Meta-se a Betesga no Rossio. O contrário não.

Os Lares da OBRA DA RUA

Eles são da hora actual. São a integração dos abandonados na sociedade. Temo-los em Coimbra e S. João da Madeira; e no Porto, aonde já havia um, acabamos de abrir outro.

Como isto nos acarreta grandes despesas, nós recorremos, naturalmente, aos poderes do Estado. Sei de fonte segura que hoje existem nos tribunais de menores uns 3.000 casos de delinquência infantil à espera de vaga nos refugios. Outros tantos estarão à revelia. E quantos de quem a polícia não sabe? Pois bem. Cada rapaz que hoje temos foi um delinquente. Cada um que entra é ou estava para o ser. Precisamos, sim, que V. Ex.^{cia} nos ajude. Que nos atenda. Que nos aje.

Isto era a peroração de uma carta sentida cuja resposta nos foi desfavorável. Nós temos de aceitar. Ninguém nos deve nada. Nós é que nos devemos todos àquele lote dos três mil.

Sentimos necessidade de alargar para assim podermos mais facilmente responder aos que chamam por nós. Eu peço e espero o vosso socorro.

A casa que nós alugamos por 1.500\$00 é paredes a meio com a que temos na rua D. João IV. Não a podíamos perder. Temos hoje uma natural divisão da comunidade, por idades. Estamos livres de visinhança suspeita. Tudo isto é lucro.

Tivemos de a mobilar aonde se foi um ror de dinheiro. Se não andasse aqui o Agora, eu punha uma procissão. Mas assim não pode ser; sairia tudo para a rua e era a desordem nacional. Não pode ser; o que eu peço é que, dentro da tua casa, sem saires do teu lugar, ajudes este pobre da rua a formar e desenvolver a família portuguesa os milhares de inocentes que por lá andam a morrer.

Cada cama vestida fica por 750\$00. Elas são 20. Quem nos oferece uma? E se aparecer um senhor que não esteja com meias medidas e mande na volta o lote? Isso então é que era!

Adquira o

«Isto é a Casa do Gaiato»

— II VOLUME —

Não se reserve para a última hora! Assim como o primeiro, o segundo volume está quase esgotado!

Faça hoje o seu pedido num simples postal à Editora

Tipografia da Casa do Gaiato
PAÇO DE SOUSA

O vento soprou em Fátima

Sim senhor. O vento soprou em Fátima no dia 13 de Maio, à missa dos Doentes.

Eu tinha sido superiormente convidado e disse que não até ao último momento. Não sei como nem porque e estando já outro sacerdote pronto para subir, eu apareço e subo ao púlpito! O vento soprou em Fátima...

Foi uma bomba, e o meu espanto é que o tenha sido, quando a verdade é que eu falei somente das minhas experiências do Pobre, tendo ido buscar ao Evangelho a parábola do bom Samaritano. Tudo tão chão, tudo tão conhecido; diria mesmo tão vulgar, se o Evangelho tivesse vulgaridades. E foi uma bomba!

Os nossos rapazes, depois disso e na primeira venda, despacharam num ápice 3.500 jornais, cuidando os seus leitores que vinha lá o sermão! E querem o sermão no jornal. Oferecem altas somas!

Mas há mais. São as cartas. Estas que estamos recebendo, pela sua qualidade e quantidade, são uma revelação. Temos tido delas com oito folhas de papel e mais!

É a Verdade. Cristo Jesus é a Verdade. Anda-se tão afeito à caricatura que quando alguém mostra o Original, causa por isso nas almas uma autêntica revolução! Foi assim naquela hora. E aquela hora não foi minha. Eu não me atrevia. Eu disse que não até à última, mas o vento sopra aonde quer...

Uma das notas para mim mais consoladora, foi a imensa alegria dos pobres, ao terem conhecimento da minha oração; uns porque tiveram a ocasião de escutar, outros porque outros lha disseram. Nas minhas frequentes visitas aos barrados, os meus visitados não tinham outra palavra: nós fomos falados por si em Fátima. Nós fomos defendidos por si em Fátima. Alguns dos rapazes visitantes dos outros pontos da cidade e de outros pobres, trazem-me deles notícias semelhantes. De um pobre de S. João da Madeira, soube que ficou tão comovido ao ouvir a oração, que pediu para fechar o rádio: eu não posso mais! Quando iremos nós deixar a caricatura e dar às almas o Cristo Vivo que se fez sangue—quando?!

Mas há mais. Como eu tivesse pregado as tocas e dito que tendo visto numa, de animais, uma família com os animais, eu afirmei que ao pé se estava erguendo uma casa e esta já com vidraças. Lembro-me de ter pregado as vidraças. Lembro-me de ter pregado a luz. Eu quero que a luz do sol chegue e aqueça todos os homens. Pois bem; uma vez em casa, fui propositadamente ver se as janelas já estavam postas. Gosto de me encher da verdade que prego. Estavam sim senhor. Estavam as janelas e estava mais isto que eu vou dizer: um aglomerado de gente pobre, mal eu chego, vêm todos ter comigo e com os seus olhos, mais do que a boca, dizem-me o que e como eu tinha pregado. Foi das nossas casinhas novas. Foi das vidraças. Nós ouvimos falar em vidraças. V. falou dos pobres. Falou de todos nós. Louvado seja o Senhor.

Preguemos o Cristo Vivo. Impreguemos o mundo de Verdade e já ela, a Verdade, não causará espanto. Façamos que os coxos andem, que os cegos vejam, que os ricos se compadeçam, que os surdos ouçam. Como? Pregando os pobres sem medo nem reticências. Pregando para melhorar a situação de cada um. Ampará-los para que não venham a cair na miséria. Aquela oração de dez minutos foi dos pobres aos pobres. Milhares e milhares deles escutaram. Quanto alívio! Quanta esperança! Nunca Fátima foi tão Fátima. E se lo-á ainda mais, quando, ao lado do Santuário de hoje, se vier a erguer o Preventório e o Sanatório e outras modalidades de assistência conduzidas e mantidas pela Igreja. Ela não se pode demitir destas suas responsabilidades; o homem total é objecto da Redenção. Quem sabe se e quando eu ali tornar com outros dez minutos, haja mais este milagre—quem o pode dizer?!

AQUI, LISBOA!

Estão na ordem do dia os congressos, as viagens de estudo, as conferências e discursos de todos os géneros. Os jornais falam disso todos os dias. Sumidades nacionais e estrangeiras passam, falam e o mundo fica na mesma. Pouco interesse.

Não assim o congresso dos vicentinos. Os nossos Senhores—os Pobres—na expressão de Vicente de Paulo, tudo merecem e de tudo necessitam, e, por isso deixamos tudo para acudir à chamada, e fomos colaborar, aplaudir e alegrar nos com tudo o que se disse e se fez por eles, em Fátima.

Os nossos Rapazes foram os primeiros a rebelar interesse em tomar parte. Mobilizámos os carros das Casas; o Pedro obteve a cedência gratuita dum carro da Fábrica e lá estiveram as nossas Conferências representadas por vinte Rapazes.

A mesma ideia força—o amor de Deus no Próximo—concentrou ali mil e quinhentos homens, unidos no mesmo espírito Apesar das diferenças e distinção de classes sociais todos se irmanaram na mesma assembleia. Havia industriais, comerciantes, operários, empregados de escritório e lixo da rua, a beberem nas fontes do Evangelho e da piedade cristã, a razão de ser desta actividade e a força oculta que a sustenta. Sem isso nada.

Porque ruiam tantas sociedades de beneficência, tantas obras sociais e até algumas ordens religiosas?

Porque lhes faltou a seiva divina que mantém a pujança da árvore da caridade e lhe permite dar frutos de vida eterna.

Fátima dá ambiente, desperta piedade, fornece forças para os trabalhos difíceis e desinteressados.

Os nossos vicentinos ouviram primeiro o que os mais velhos disseram, depois reuniram a sós e discutiram entre si os assuntos que mais lhes interessavam. Se os maiores tivessem assistido a esta nossa reunião, talvez tivessem aprendido algo mais. Foi debatido o problema das casas para pobres, renovaram-se propósitos de incremento de actividade, e formularam-se votos no sentido de manter e aumentar a confiança dos que os têm ajudado.

Para logo a Providência se encarregou de confirmar as regras deste nosso primeiro capítulo vicentino Um Senhor entregou-lhes um cheque de mil, para ser dividido pelas seis conferências, outro Rapaz veio entregar um donativo para o "Património" e outro liquidou generosamente várias contas.

O futuro dirá do proveito destas concentrações. Vicentinos e Pobres só têm a lucrar com a nova alma que dali se traz Os Rapazes sentem-se melhores e mais fortes para a luta.

Nos tempos difíceis que vamos atravessando, quem tiver a cargo almas e não encarar a sério este aspecto do problema social, sujeita-se a marcar passo ou mesmo a ver comprometidos os frutos do seu apostolado.

Quem conhece o Ribatejo sabe que não exagero. Há aqui freguesias que depois de quinze anos de apostolado paroquial, o pobre padre não tem ainda um único homem à missa, dos 12 aos 50 anos!...

Foi a uma destas terras que veio um dia parar um engenheiro. Um dia quis fundar uma conferência. Após porfiadas pesquisas, conseguiu encontrar um homem que se aliasse a ele, no ideal da prática da Caridade. Com o tempo outros se lhes foram juntando. Hoje estão florescentes nessa terra quatro conferências

Tudo se deve aquela alma de opostolo que é o Eng. Sousa Lobo. É sa-

bido que ninguém dá o que não tem. Se ele tanto consegue é porque está cheio. É ouvi-lo falar dos seus Pobres da sua confiança na Providência, do estratagema de que se serve para trazer os abandonados ao cumprimento dos seus deveres sociais. Tem-se a convicção de que Ozanan não o ultrapassaria.

Uma doença misteriosa e implacável o retém no leito. Diz que deve o milagre da sua vida às mãos erguidas dos seus cinco filhos. Ele foi o doente número um desta concentração Modelo de Chefe de família, de consciente e activo amigo dos operários da Empresa, amigo dos Pobres, heróico e resignado doente, este homem é um facho de luz que bem figura neste candelabro para servir de modelo a todos os vicentinos. Os nossos Rapazes que dele dependem, muito dele têm aprendido. todos os que trabalham em áridas terras de apostasia, bem podem perguntar-lhe o segredo das conquistas difíceis.

PADRE ADRIANO

EU VOU ò ULTRAMAR

Conto que seja no próximo mês de Julho, porém do nome do pacote e data da partida, nada posso dizer, por enquanto. Não sei.

Que vou ali fazer? Também não sei. Só sei que me custa muito ir! Eu nunca sei para onde e como vou. Há muitos anos que ando assim perdido. Só depois de chegar é que começo a dar fé e a ligar as coisas e a compreender...! Em África vai ser assim. Por agora só tenho para dizer aos meus leitores que a deslocação me é dolorosa.

Tenciono; melhor diria, tencionamos por que o Júlio Mendes deve acompanhar-me. Tencionamos, digo, desembarcar em Luanda e ver o que nos for possível na Província de Angola. Há trinta anos que por ali não passo. Segundo as cartas do Amadeu ao seu irmão Júlio, muito se tem ali feito em relação ao que estava. E muito mais há a fazer em relação ao futuro. Sim. Havemos de observar como e quanto nos for possível. O Gaiato há-de dizer, assim como foi do Brasil.

Depois de umas semanas por aquela Província, tencionamos ir ao Congo Belga e dali voar para a Rodésia. Não faço ideia de tempo e de distância. Não sei de acolhimentos nem de facilidades. Eu vou perdido. Sei que me custa ir e isso basta para realizar totalmente o meu programa! Tenho um amigo na Beira que prometeu ir buscar-me à capital da Rodésia; mas se por ventura ele não puder, nós temos o combóio. Uma vez na Beira estamos em casa e mais ainda quando chegarmos ao Luabo. Ali se encontra o irmão do Júlio. É mesmo para o abraçar que Júlio foi o escolhido. Ali se encontra o António Teles. Ali tenho amigos de outros tempos que ainda são amigos. Sim no Luabo estamos em casa habitada por filhos e por amigos. O Chinde, aonde também quero ir, essa terra que seria a minha casa, por ter ali consumido todos os meus anos verdes. Mas não é. Não é, porque está vazia; segundo me consta, o mar comeu o Chinde do meu tempo e dos que então existiam, não há um que chame pelo meu nome! É assim. Todos nós caminhamos, não para a morte, como muitos dizem, mas sim para uma outra vida; a vida eterna!

Conforme o tempo e a disposição, é possível ir e ver outras terras da Província de Moçambique; mas eu não sei. Eu não faço programa. Eu sou um perdido sem vontade própria. Depois direi.

TRIBUNA DE COIMBRA

Enquanto tivermos a nosso lado o nosso Irmão a gemer com fome e crucificado pela dor e exposto ao abandono e entregue à injustiça, temos necessariamente que pedir. Temos que fazer justiça. Temos que fazer lágrimas de dor a quem nos ouve e gosa e andu arredo; e lágrimas de alegria a quem sofre.

A doutrina tem que parecer dura a uns e suave a outros; é conforme o estado de alma de cada um. Este ano há mais um ponto de doutrina em acção: são as Casas para Pobres. A doutrina das Casas assombra, esmaga, engrandece.

Estamos a fazer o pedilório anual nas igrejas de Coimbra.

A primeira, como desde o princípio, foi a de S. Bartolomeu. Um senhor pos uma nota de quinhentos e outro uma moeda de dois tostões. Actos tão diferentes e que podem ser tão semelhantes. Recordemos o que diz o Senhor no Evangelho por causa do óbulo da pobre viuva

Houve quem esvasiasse o porta-moedas; de um estudante de Direito, sei eu: fiquei sem nada.

Deu um bocadinho mais que o ano passado. Ao todo, dois contos e quinhentos. Veio a seguir Santa Cruz. Andou perto dos cinco.

No mesmo dia foi também na Sé Velha. Nós não queremos deixar nenhuma, nem ninguém para trás. Um senhor deu meia nota das maiores e os restantes deram outra meia, o que junto dá uma.

No domingo passado foi na Sé Nova. Começamos, como de costume, pela missa de cedo, das creadas de servir. É a gente mais humilde e a humildade há de ser a grande arma do triunfo. A Obra da Rua é essencialmente obra dos humildes.

No fim da missa veio uma creada informar-me duma família que vive numa enxovia. O pai, novo ainda, está tuberculoso e já ninguém lhe dá trabalho assiduamente. Quando vê os filhos a pedir pão, tenta pôr fim à vida. Ninguém se pode admirar disto. Nós no seu lugar não sabemos o que faríamos. É o pão dos filhos. É a fome Senti a dor daquela mulher. Graças a Deus que já estão tantos a enveredar pelo recto caminho.

À missa das onze e meia estavam muitos senhores doutores e foram apanhados.

Total: uma de quinhentos na minha mão, muitas de cem nas sacas: tudo somado quatro contos e uma medalha em ouro e feijão e promessa de mais.

No mesmo domingo fomos também pedir a S. José do Calhábé. A amostra foi boa: um nadinha mais de mil.

PADRE HORÁCIO

Prá nossa festa no Coliseu do Porto, pode adquirir o seu bilhete no Espelho da Moda—R. dos Clérigos, 54.



Eu tinha estado naquela tarde e saí do quarto arrepiado. É uma cancerosa que já tinha feito o seu estágio no hospital de S. António. Todos os doentes que por lá topo, quer homem quer mulher, sendo desta natureza, todos eles se curam assim. Todos me dizem *eu já estive no hospital*. Esta de quem vou falar é do mesmo naipe. Um dos sintomas do mal é o emagrecer. Esta minha doente sumia-se a olhos vistos e foi isto que naquele dia e àquela hora mais me impressionou; é que ela, a doente, sem me pedir licença nem nada, descobriu para que eu visse. Eu compreendi perfeitamente aquele gesto; ela queria que eu fosse um seu participante!

Estavam algumas visinhas. Noto que tinham queimado açúcar para esconder o natural mau cheiro. Eu já sabia que a doente era muí delicada neste particular e sempre que eu lhe dava dinheiro ela dizia: *é para sabão*. Era de tarde. A doente toma nas suas as minhas mãos e leva-as ao seu rosto dolorido e acalenta e demora. Diz-me que sofre muito e não era preciso que ela o dissesse. As visinhas ali presentes choravam.

Retirei-me sem ter visitado mais ning'ém naquela tarde. No dia seguinte não, mas no outro voltei. Quando cheguei à porta, não sabia de nada. Agora, que aquela gente já descobriu que eu prefiro passar pelas vielas sózinho, ninguém diz, ninguém pergunta, ninguém aborrece; e eu cheguei até à porta sem saber de nada. Entro. Estava o leito. Uma rapariga vestida de luto, informa-me que o enterro tinha sido Olheira em redor. Tudo era desarrumo e tristeza. O enterro acabara de ter sido.

Ainda no patamar ouço dizer que estava ali outra! Que fosse ver. *Ela tem a mesma doença*. Eu fico por uns instantes apavorado. Uma tinha ido a enterrar. Outras e outros dali perto, já no cemitério, acudiram à minha memória e neste momento, ouço que está ali outra! Será o lugar? As condições de vida? A sua alimentação? Com estas incógnitas no pensamento, atravesso a via e eis-me ao pé dum leito aonde a doente geme. Também ela me diz ter estado no hospital. Além do mais que a atormenta, ela tem de sofrer a falta dos precisos. Nem cama, nem casa, nem lume. Medicamentos também não! A organização social esgotou os seus recursos: *eu já estive no hospital*. Agora resta ela. Ela ézinha com o seu heroísmo, a sua resignação, diria mesmo a sua santidade. É aqui que Deus entra. Aqui que Deus aparece. Quem visita pobres e doentes nestes lugares sente necessariamente a presença de Deus na vida e nas palavras destes crucificados. Demorei-me um bocadinho e prometi voltar.

O sol ia alto. Tinha horas à minha frente e gastei mais algumas na missão daquele dia. Um homem que costume visitar no seu quarto escuro, hoje, ao procurar repetir a visita, dou com ele fora da porta, deitado numa cadeira. Nunca o tinha enxergado, tal a casa onde o pobre habitual mostra ter sido um pedaço d'homem—*eu era do rio*. Faz menção de se erguer da cadeira e eu segurei-o. Comunica-me que veio até ali buscar alívio: *tomar a*



Eis algumas das casas do Património, em Miranda do Corvo.

Estas têm mais uma riqueza que as outras, noutros sítios, não tiveram; aqui andou muito trabalho dos gaiatos de Miranda.

Do que nós necessitamos

De tudo quanto se retira do Depósito, nada houve que nos merecesse tanto reparo, como uma cartinha com 5 contos a dizer que, se eu achasse bem, três eram para os pobres do Barredo e 2 para as Conferências de S. Vicente de Paulo. Claro que achei bem. Mas todo o meu espanto provem de que este senhor, que se firma com duas iniciais, é o mesmo; o mesmíssimo que já me deu 60 contos para construir 5 casas do Património. E o espanto sobe ainda se eu aqui disser aos leitores que este senhor, natural do Porto, assina-se *um descrente*. Ora eu digo que não é Deus; é o Mundo. Ele não acredita no Mundo. É um descrente. Mais de Lisboa 500\$00 tirados do meu ordenado. Mais de Trancoso um par de sapatos. Mais 20\$00 duma promessa feita ao Santo Padre Cruz. Mais do Porto uma encomenda de malhas e miudezas. Mais 100\$00 de Aveiro. Mais de Grândola 50\$ e roupas. Mais 50\$00. Mais 100\$00 de Evendos. Mais 100\$ da Figueira da Foz. Mais a Maria de Portugal que manda 20\$00 do seu primeiro trabalho. Mais de Bissau 1 200\$ do assinante 6 473. Mais 20\$ para comprar um litro de azeite. Mais 100 escudos. As duas assinantes ficam sabendo que sim. Recebi os 150\$00. Mais 3 contos de Portalegre por intermédio dum advogado. Mais 500\$. Mais 100\$. Mais metade do Porto para cancerosos. Mais o mesmo duma noiva aflita. Mais do Con-

fresquinha a ver se como alguma coisinha. A rua suja por onde passam cães e gatos à cata de lixo era naquela hora, para este moço, um alívio! O que será dentro do seu quarto! E com esta acabei o dia. Eu não faço nada. Há mais de 20 anos que vejo, escuto, deploro e choro interiormente. Até hoje tem sido esta a minha obra. Se eu tivesse meios; havia de ir mais longe; muito mais longe. Se me confiassem dinheiro, eu havia de construir e instalar dignamente, cristãmente; e assim honrar a pia onde este e outro foram baptizados. Assim não. Assim não faça nada. Choro.

go Belga 150 francos. Mais 100\$ do Sr. Manuel da Cunha. Mais outro tanto da Maia. Mais 100\$00. Mais da freguesia de Milheirós — Maia 148\$60 do primeiro ordenado do meu filho. Mais 50 escudos. Mais o dobro do Porto. Mais 20 duma pecadora que deseja ser melhor. Mais um vale do correio de Chaves duma velhinha doente. Mais 20\$00 de Lisboa. Mais quinhentos escudos de Chaves. Mais 100\$ da 4.ª prestação da professora e mãe. Mais do Porto 90\$ dum bilhete da lotaria que foi achado na rua e ninguém apareceu a reclamar. Mais 50\$ de alguém que deseja mandar a mesma quantia todos os meses. Mais um cheque de Lourenço Marques de 2 600\$00, produto duma subscrição organizada pelo Fortunato da Alfândega. O Fortunato fartasse de pedir desculpa e de bater no peito porque, diz ele, este dinheiro devia-me ter sido enviado no princípio do ano; *mas eu tenho andado na lua*. Mas isto é frequente. Naquelas terras e naquelas idades anda-se muito por lá. O amigo Fortunato não tem nada de que se possa queixar. Mas ele vai mais longe. A carta é um estendal e ele vai até ao fim a dizer mal de si mesmo: *depois de tudo, acabei por perder o cheque e aqui vai uma 2.ª via*. Não se aflija, Fortunato. Quem quer está sujeito a isso. Cheques são papeis. Olhe que eu há dias fiz muito pior com um de 24 contos; botei-o no cesto! Acabei por receber, mas deu-me muito trabalho e tive também de arranjar uma 2.ª via. Já vê que somos compadres e dentro em breve espero ir aí à Alfândega perguntar por Si e dar-lhe um efusivo aperto de mão. Mais 70\$00. Mais 40\$ da Senhora da Hora. Mais os 50\$ do Dr. Zéquinhas. Mais outro tanto dum pai. Mais uma quantia duma pecadora aflita. Mais quinhentos duma promessa. Mais de Luanda 100\$. Mais de Tondela 320\$00 para encargos. Mais de Lisboa 100\$ vindos de Moçambique. Outro tanto de Lisboa. Mais 65\$ de Leça do Balio do mealheiro da secção de fiação da Sociedade Portuense de Algodões. Mais duas libras de Homóine. Mais 10\$00 para a Conferência de S. Vicente de Paulo e brinquedos. E mais nada.

Agora

À frente vai o Lobito. O Amadeu Elvas, que ali passou a caminho da Zambézia, esteve, viu e não tem mais que dizer. A carta aonde ele conta o que viu, era simplesmente explosiva. Pois é esse mesmo Lobito que vai aqui. Os senhores afastem-se e deixem passar. São homens, rapazes e mulheres. Vão dois Salemas. Vai um Teotónio Pereira. Vão mais e mais e mais. São obreiros de uma casa do Património. Desta vez levam 1.550\$.

A Sertã vai aqui com 100\$ para uma telha. Ao pé, vai uma professora de Mouraz com a mesma quantia. Diz ela que são para ajudar a construção dum forno numa das casas. Igual quantia leva um senhor do Porto. Imediatamente atrás, e também do Porto, vai *um esmagado por dificuldades de toda a ordem, mandando tudo que me resta neste momento*. São 80\$00. Com material deste é que se constroem casas para quem nunca as teve. Os seus obreiros são estes heróis. Tornem a arrumar que passa agora um cego com 100\$ retirados duma carta sua em Braille. Uma assinante tira 20\$ ao seu primeiro ordenado e enfileira. Mais uma arrumadela para deixar passar uma de Lisboa, que mesmo sem ter ido a Fátima considera-se peregrina e vai aqui com 100\$00. Agora vai esta carta: «Acabo de ouvir as suas palavras na Cova da Iria.

Que todos aqueles que as ouviram e sobretudo aqueles que teimam desconhecer a doutrina do Mestre, respondam à sua chamada, como lhes cumpre, e o problema das casas para os pobres ficará totalmente resolvido.

Por mim, pobre e humilde funcionário, quase sem categoria pelas reduzidas habilitações literárias que possuo — (2.º exame de instrução primária), não posso dar mais, como seria meu desejo.

A importância constante de vale do correio que junto (500\$00), destinada a auxiliar a construção de casas para os pobres, é produto de grandes economias que eu e a minha mulher estamos fazendo, não obstante o precário estado de saúde que a acompanha.

Que Nossa Senhora de Fátima faça o milagre, atraindo para as casas dos pobres inúmeros donativos, são os votos que faço ao Céu.

E tenho fé, pois conto-me no número daqueles que receberam as suas graças.»

Se eu fosse a publicar todas quantas se receberam e estou recebendo desde a oração de Fátima, o Gaiato passaria a ser uma colecção de cartas. Mais outra de Perosinho: «Um assinante do Famoso, desta freguesia pediu-me para remeter 50\$00 para a lareira de uma das cozinhas do Património dos pobres.

Este homem trabalhava numa pedreira e ficou sem a mão direita, devido à explosão de um tirol. Por isso dá este dinheiro com a mão esquerda...»

Ora deixem passar quem vai. A procissão de hoje é cheia de formosura, na indicação das ofertas. Já tínhamos uma para um forno; agora é para a lareira. E também muito heroísmo nos oferentes; as contas assim o dizem. Eu até proponho que todos se descubram e guardem o maior silêncio. Vai aqui Lisboa com 100\$00 para duas telhas. Outra vez Lisboa com quinhentos. Era para comprar um vestido de verão. Mais renúncia. Mais heroísmo. Mais vida cristã. A vida do cristão é mesmo isto e só isto. Quem não for capaz duma re-

(Continua na página seguinte)

ISTO É A CASA DO GAIATO

*** Ando muito desconsolado. Andei, mas agora estou melhor porque as coisas melhoraram. Eram grilos. Grilos na capela. Como fosse o mês de Maio e nós fazêmo-lo, eu tinha sempre um pequenino sermão devidamente preparado. Para as multidões nem tanto, mas para estes rapazes sim. Muito. Preparo-me. Eles são meus! Pois é verdade. Uma vez no altar, os grilos abafam a minha voz. Era demais. Fiz queixa e vim a saber que muitos rapazes tiravam-nos das caixas e punham-nos na mão fechada.

Ora o mal era este. O chefe tomou providências. Dentro das caixas os grilos cantam, sim, mas o ruído é menor. Agora posso pregar. As coisas melhoraram.

*** Já que falamos em pobres, os confrades do Lar do Porto, como já se disse, trazem aqui, em camioneta, os seus pobres. E' para breve. Eu suspiro por esse dia. Vamos oferecer-lhes um jantar. Não é um banquete; banquetes são feitos e oferecidos por amor de conveniências sociais. No nosso caso não senhor. Nada disso. O que houver de melhor, de mais saboroso, de mais caseiro, de mais bem feito; isso há-de ser servido pelos nossos refeiteiros aos próximos visitantes, verdadeiros senhores nossos!

*** Papagaio e Bernardino mal-la bicicleta dos dois, tem-me dado assunto para intimas considerações. Primeiramente, porque os não via andar nela, soube que os dois haviam combinado entre si escolher e andar só os domingos, para poupar.

Pra poupar. A frase e o conceito são do Papagaio. Isto é simplesmente admirável! Mas há mais.

Há mais iniciativas. Os dois resolveram entre si que, nos dias de semana, só em serviço a poderiam usar. Só quando vamos os recados. Quer dizer; o que estraga os homens é a super abundância. Tire-se ao que tem a mais e dê-se ao que não tem nada e teremos o mundo a puxar certo.

*** O Batata Velha mai-lo *Quim* das casas, foram despachados para servir na comunidade do Lar do Porto. Um maior acompanhou os e o Batata Velha perdeu-se logo à saída da estação. Soubemos que ele se dirigira a um polícia a quem perguntara pela rua D. João IV e que este o conduziu a uma esquadra e que o

chefe desta mandou acompanhar o perdido, a quem deu uma nota de 20\$. E é isto que se deseja aqui salientar. Sim, porque 20\$ retirados ao magro salário daquele funcionário da Nação representa muito amor à causa de uma obra de crianças abandonadas. Gosto muito de por as coisas e as pessoas no seu lugar.

*** Zé Eduardo é agora meu companheiro ao café da manhã. Júlio e Avelino mais ele, juntamo-nos às oito e meia e fazemos da refeição uma hora quente. Sai ali tudo de tudo. Se nós cá tivéssemos uma estação de rádio ligada ao mundo, então é que o mundo havia de saber o que é a Casa do Gaiato! Como naquela manhã eu tivesse revelado que no dia seguinte ia a Lisboa, todos disseram que sim e que por avião é num instante. Ao que eu respondi que não. O avião amanhã não sobe. Tenho de comprar uma segunda classe no rápido da manhã. Que não, me disseram eles. *Vá em primeira que acaça mais.* Deixei-me embalar. Tudo me convidava a isso. Primeira classe, companhia alta, probabilidades. Conveni-me. E em S. Bento meto-me na bicha e quando chega a vez, o funcionário diz-me que é noutra bilheteira. Meto-me noutra. Uma qualquer, pois que em nenhuma noto indicações. Era aquela. Pedi o bilhete e dei por ele 208\$. Entro na gare. Subo para uma carruagem de 1.ª classe. Tudo ali era importante e eu também. O comboio é rápido entre os rápidos. Chamam-lhe, até, o rapidíssimo. A sua extrema velocidade serviu para depressa tomar conhecimento de como e quanto se não tinha enganado Zé Eduardo; não *acabei* nada.

*** Foi laranjas. Hoje à missa foi laranjas. Naquela hora tão alta, com o pão do Sacrifício numa patena de ouro sobre um altar de pedra austera, eu preguei as laranjas da nossa quinta. Parece que não devia. A que vinham ali as laranjas? Mas preguei e disse e tornei a dizer. Tudo quanto seja para nos dar amor ao Belo, é objecto e fica bem no altar. Pois disse sim senhor e no fim dei ordem ao chefe que fosse colher duzentas delas e que servisse ao jantar. Aquela hora aproximei-me. O chefe compreendeu e disse *tome*. Ele adivinhou o meu desejo e ambos distribuímos.

Eram cestos! À falta de mais e melhor, eu lanço a mão às coisas terrestres para dar a estes meus rapazes o gosto do Celeste; daí vêm os grilos, os passarinhos, as flores e as laranjas. Toda a fruta da nossa quinta. Olhar e respeitar. Respeitar os outros, pensar nos outros, guardar para os outros. O que está para ser dos outros, nunca pode ser de um. Sim, eram laranjas. As laranjas das nossas laranjeiras.

Ouro apetitoso, ao qual estes moços resistem. Já tínhamos mandado colher duzentas, agora foram outras tantas e temos lá muitas mais. Louvamos o Senhor. Nós queremos e fazemos tudo para que o nosso rapaz encontre por si mesmo e saboreie por convicção o Sim e o Não. Estas duas palavras bastam. Estas duas palavras são o Evangelho. O Sim para o bem e o Não para o mal. Eis a consciência.

*** Eu estava ontem no chamado meu escritório, quando o Papagaio entra e me pergunta se eu o posso receber: *Pode-me receber?* Eu achei isto uma coisa única. Nunca ninguém tal fez. Aqui em casa todos entram e dizem, sem nada que se pareça com aquela maneira quase diplomata: *pode-me receber?* Só por isto ele merecia ser atendido, mas não. Por enquanto não posso atender o Papa-



Horas para tudo. O rapaz conhece o tempo e as suas divisões. Jamais é visto um no campo de jogos, sem ser na hora de jogar. Porquê? Porque temos um campo de jogos! Porque é que todos cumprem? Nada de especial. Dê-se a cada um o que é seu e pronto!

gao. Ele pretende usar meia cabeleira, mas ainda é cedo. Se fossemos a fazer isso a todos, era um grande dispêndio de tempo à mistura de cabeças sujas. Assim não. Papagaio e outros, apenas rapados, são conduzidos pelo barbeiro à torneira, o qual lava a cabeça de cada um com três águas e três sabões. Isto costuma levantar grandes protestos, sim, mas o barbeiro vence. Vence sempre. Vence cada um: *anda que são ordens.* Ordens minhas. Para mais nada, não; mas para isto sim senhor. Tenho jeito. Cabecinhas frescas e lavadas. Ora o Papagaio que me desculpe.

*** Tornamos hoje ao *Piolho*. Como os senhores sabem, ele encontra-se empregado numa fábrica de matérias plásticas em S. João da Madeira. Como quer que o seu patrão lhe visse qualidades, deu-lhe a incumbência de fazer a praça; e sem mais cerimónias, preparava-se para o mandar a Lisboa, Coimbra e Porto. Eu acudi e disse que não. Mais tarde sim, mas por enquanto o Porto. Só o Porto e sujeitinho ao Carlos Gonçalves. Entrar a horas, sair a horas e dar contas. Parece que o seu patrão não ficou a gostar da restrição. Lisboa e Coimbra seriam também praças do rapaz. Porém, e ao que ouvi, bem depressa mudou de opinião. *Piolho* acaba de ser encontrado pelo seu patrão em plena actividade, na casa de um freguês e com a fralda de fora! *Piolho* a vender botões com a fralda de fora!! Tão de fora, que mesmo com o casaco vestido se notava a ponta dela!!!

Ora não é por nada. Isto não deslustra de maneira nenhuma o rapaz, mas a classe pode objectar. Os Pracistas podem repontar e até, se amanhã viermos a ter uma Ordem dos Pracistas, *Piolho* pode vir a ser expulso.

*** Carlos Inácio esteve uns dias em Paço de Sousa e como se tivesse proporcionado ir a Coimbra, ele queria mas não tinha roupa. Não tinha o fato que desejaria para se apresentar na cidade. Indicou-me, até, com os dedos, aonde estavam e quantos eram os defeitos da roupa que trazia. Eu disse-lhe que não. Que eram tudo coisas mínimas. Que ninguém reparava e que podia ir assim. O rapaz desaparece e à hora da partida vem quase incognoscível. Eram uns sapatos do *Avôzinha*, meias do *Santa*, camisa do *Canço* e o fato melhor do Júlio II. Tudo dos outros menos a gravata. A gravata era dele. Isto aqui é um mundo novo. Uma coisa nova. Não há cortinas. Não há segredos. Não temos medo nem metemos medo,

AGORA

Continuação da página anterior

núncia constante e voluntária, pode chamar-se a si mesmo, por ter sido batizado, mas não é um cristão de lei. Vila Real enfileira com 50\$ para um cabro. Cabo Verde vai com 80\$ de um aumento de ordenado. Leça do Balio leva 20\$00. Lisboa 30\$. Melgaço 100\$. Alcobaca 20\$. O menino Miguel Castro de 5 anos vai aqui com 100\$ para 5 telhas. Cautela! Não o molestem. Ele é muito pequenino. O Porto vai com 250\$, tendo dado, para outros fins, mais três partes iguais a esta. Oliveira de Azeiteis 20\$. Ora agora um bocadinho mais por largo e tomem nota de alguém que se assina *Ninguém* e manda 4 contos declarando que fica a dever 126 deles. *Eu e meu marido prometemos dar 130 contos.* Levamos Um Casal na procissão. Eu quizera antes chamar-lhe a Via Sacra. Considerar em cada estação os passos dolorosos do pobre crucificado; tal qual nós os fazemos e abandonamos e achamos que está muito certo. Esta Via Sacra seria a reacção fecunda, racional, pacífica e revolucionária. Queiram afastar-se por largo e tornem-se a descobrir; vai passar o Casal. 20\$ duma pecadora. No dia dos anos de sua mãe um filho levanta-se da mesa e faz um peditório e manda 100\$00. Isto foi no Porto. Isto só no Porto. O assinante 10 250 vai com 100\$. No Lar do Porto deixaram igual quantia. Um engenheiro do Porto dá 100\$ para uma fechadura. Em uma festa de noivado arranjaram 135\$00. Foi em Lisboa. Lourenço Marques também; são cem escudos para uma telha. Outra pecadora com outro tanto para o mesmo fim. Eu tenho que nesta procissão, ou Via Sacra, se quiserem, dizem bem pecadores. Nós sabemos e está escrito que a esmola dada com sacrifício e por amor de Deus leva-nos ao arrependimento. Mais 100\$ para um barrote. Para a mobília e mais recheio das casas de S. João da Madeira recebemos 500\$ duma *Terexinha* e mais 700\$ de alguém. Agora vai o Estoril. O Monte Estoril. Alguém dali prometeu uma casa e manda mais à conta dela 3 342\$00 e louvado seja o Senhor que tanto me tem facilitado o caminho. E há de facilitar mais. É ele quem faz tudo. Isto mesmo de haver um que se lance a juntar dinheiro para uma casa, fique sabendo que não é obra de Um ou Uma. Não é, não senhor. É Ele. Sem Ele não podemos fazer nada.

Ficamos em 881 783\$00

Notícias da Conferência da Nossa Aldeia

Continua a ser a doença o flagelo dos nossos pobres. Os medicamentos são inacessíveis às classes que nem para comer ganham! E são procissões drásticas deles, que no desejo de se curarem vêm até nós pedir ajuda. E nós ajudamos, dentro das nossas posses. E nós temos salvado vidas, dentro das nossas posses! E nós queremos salvar mais e mais.

— De Angra do Heroísmo recebemos 20\$00 para ajuda da liquidação do déficit. De Sr. Eduardo de Aguas Santas, 100\$00, a quando da sua última visita à nossa aldeia. De Lisboa 25\$00 de uma senhora de nome *Emília*. De Leça do Balio 20\$00. De ao pé, da *Invicta*, 20\$00. Uma senhora de Coimbra enviou nos 10\$00. E por fim, da *Guarda* 350\$00, pedindo orações.

E mais nada, a não ser um sincero muito e muito obrigado, em nome dos nossos irmãos pobres.

JÚLIO MENDES